

MEMÓRIAS DO IMIGRANTE SUÍÇO – LOUIS GEDOZ – 1874

Vida pessoal de meu avô LOUIS GEDOZ

Sílvia Gedoz Artico

Meu bisavô Jean François Gedoz e meu avô Louis, com 13 anos, vieram da Suíça em 1874, ele já era alfabetizado, vieram no barco Rivadavia, levaram muitos meses para chegarem. Em julho de 1874 chegou ao Distrito de Montravel, ex-colônia Santa Maria da Soledade, hoje Santa Clara Baixa e Santa Luiza no município de Carlos Barbosa, RS.

Os imigrantes oriundos do Valais, Comune de Saxon, sul da Suíça, dedicaram-se basicamente à produção agrária depois de desbravar a mata e a cultivar o solo. Sendo agricultores e seguindo os ensinamentos dos ancestrais do vale do Ródano, prestavam atenção às leis naturais, cuidando da lavoura, conforme as estações do ano.

Nascido e criado em Saxon, vivendo no vale rodeado de montanhas cobertas de neve, era por natureza reservado, cauteloso, detalhista e tinha uma grande sensibilidade coordenadora. A agricultura cultivada nas encostas dos morros era respeitada assim como a terra que era a sua riqueza.

SANTA CLARA BAIXA

Ao chegar em Sta. Clara Baixa meu avô, com o pai Jean François e os 6 irmãos sabiam que a agricultura, linguagem universal, era o principal recurso e fonte de retorno. Com esperança e fé, na subida das trilhas, sentiram um vento novo soprando sobre seus limites do lote de 30 ha.

Aqui floresceram novas iniciativas, encararam com uma visão diferente, considerando sua proteção e o desenvolvimento de uma região do Rio Grande do Sul, onde queriam viver bem com a família, no calor da hombridade e respeito.

Avançavam no abate das árvores para dar lugar à lavoura e suas casas, porém protegiam os limites de certas reservas ecológicas para garantir a conservação da colônia com a natureza nativa.

CASAS

Em Sta. Clara Baixa ergueu sua casa com 18 pés (5,4 m) de comprimento e 15 pés (4,5 m) de largura. Ao lado havia o galpão para guardar a colheita, próximo ficava o galinheiro e o chiqueiro. No declive do lote, estava a fonte de água onde

minha avó lavava as roupas e perto da casa ficava o forno caseiro, onde a vó Alice fazia o pão e o gostoso 'flon' (espécie de torta de frutas com a mesma massa de pão coberto por figos ou uvas).

A madeira era extraída da floresta onde o cedro existia em grande quantidade, madeira nobre apropriada para carpintaria. Meu avô era um exímio carpinteiro e fabricava objetos de trabalho como: cabos de enxadas, pilão, mastelas, bancos, mesas, camas, martelos para bater bifes etc. Havia também a corticeira, a canjerana, outra madeira nobre, eucaliptos e ipês com suas belas flores amarelas.

O transporte das colheitas que armazenava no galpão era feito com mulas, carroças e carriolas.

GARIBALDI

A cidade conservava os aspectos de uma cidade europeia. E 19 de setembro de 1924 vindo de Carlos Barbosa, meus avós e eu fomos morar em Garibaldi em uma casa com três quartos, sala, varanda e cozinha. Ao redor da casa havia o jardim com um caramanchão de rosas.

A casa estava situada numa área alagadiça, e a uns 300m passava o arroio Marrecão, que anualmente no inverno alagava a várzea atingindo os primeiros degraus da cozinha e nós ficávamos ilhados. Sempre me amedrontou o alagamento e este foi um dos motivos para o avô se decidir a vender o lote e se transferir para Caxias do Sul e assim eu poderia continuar a estudar.

O agricultor Louis Gedoz todo dia com a enxada na mão abria os sulcos na lavoura conforme a estação da época de plantio, depositava o grão de milho, feijão, ervilha, na esperança de uma boa colheita da qual ele, minha avó, eu, a Nilda e o Aristides dependíamos.

Meu avô acreditava que os alimentos naturais, além de conservar a saúde continham propriedades curativas de vida, ensino natural e cotidiano de se viver. Pela tradição ensinou-me o segredo das ervas medicinais como: guaco, funcho, semente de abóbora, malva, marcela, cidró, erva luiza e chá de alho.

Meu avô além de agricultor era ótimo cozinheiro e cozinhou para os netos enquanto a avó saía para atendimento. Ele registrou nos anos de 1910 até 1935 todos os nascimentos, com nome, local, dia e hora, pois minha avó era parteira profissional, estava sempre exercendo a atividade, atendendo as parturientes de Sta. Clara Baixa, Sta. Luiza, Carlos Barbosa e Garibaldi.

Costumes do vó Louis: quando fazia a barba com uma navalha pendurava o espelhinho na janela da cozinha. À tarde ao fim do dia, pegava seu cachimbo e

sentado próximo ao fogão de chapa ou sentado num dos degraus da porta da cozinha, ficava olhando sua lavoura ao lado da casa e relembrando sua vida.

FAMÍLIA E EDUCAÇÃO

LOUIS GEDOZ casou-se em Sta. Clara Baixa, Carlos Barbosa, com TECLA ALIZE BRUCHEZ, a vó ALICE, em 22.01.1887, também imigrante suíça, filha de Marie Pignat e Napoléon Louis Bruchez (falecido na Suíça).

Tiveram dois filhos: Adelaide Bruchez Gedoz e Erasmo Emílio Bruchez Gedoz.

Emílio Erasmo casou com Amábile Deitos e desta união vieram os filhos Aristides, Leonilda e Silvia. Com o falecimento prematuro de Amábile e mais tarde novo casamento de Emílio Erasmo, seus filhos passaram à custódia dos avós paternos. Foi então que a presença de Louis e Alice foi fundamental para os netos. Lutadores para sustentar três netos menores, sempre mantiveram vivos os ideais como imigrantes, apontando para nós três o rumo ao futuro.

Adelaide Bruchez Gedoz casou com Giocondo Emanuel Deitos e tiveram cinco filhos: Arnaldo, Humberto, Albino, Celestino, Pedrinho e Rosalina Maria.

O vô Louis não teve tempo de escrever sua história, mas com sua grandeza, dedicação e renúncia foi um herói cotidiano, estava escrevendo todos os dias sua história e plantando SEMENTES – ESCOLA para a neta, desde a fase infantil, adolescência até a universidade. Ele se desfez de muito do que tinha para me apoiar em todos os momentos e eu replantei a mesma semente para meus filhos, netos e bisnetos. Houve evolução de VÔ para NETA, vindos como imigrantes em 1874 com espírito de agricultores, agora queriam que a NETA SÍLVIA fosse professora e eles tinham a crença e determinação prevendo um bom futuro para a neta de olhos azuis. Meus avós moldaram meu caráter e graças aos valores ensinados por eles estou conseguindo enfrentar os lances difíceis que a vida nos apresenta e superá-los. Tenho um carinho muito especial por ele e pela minha avó.

A VIDA RELIGIOSA DE LOUIS GEDOZ – TESOUREIRO

Desde o momento da instalação dos imigrantes em Sta. Clara Baixa, 1875/1876, eles manifestavam o desejo de poderem ter uma missa aos domingos e os chefes de famílias valesanas entenderam construir uma Capela no centro do vale.

Em 1881, a Sociedade da Capela de Sta. Clara Baixa se constituiu por voto e desde as primeiras linhas, manifestaram a vontade dos valesanos afirmando suas identidades e apego às origens.

“Nós colonos suíços franceses abaixo assinados, queremos erigir, construir uma capela para salvaguardar a honra nacional e continuar a observar a religião de nosso país”.

Elaboraram os estatutos de obrigações e deveres com os nomes dos membros da administração para os anos de 1881/1882: Cottet Nicolas, Sauthier Barthélémy, Sauthier Antoine Camille, Bruchez Pierre, Gedoz François, Louis Gedoz e outros. Louis foi o primeiro secretário. O tesoureiro e avalista foi meu bisavô François Gedoz.

A vida da Sociedade da Colônia era concentrada na Capela. Nos casamentos toda a população era convidada, nos lares diariamente rezavam o rosário. Confiantes acreditavam que Deus como Pai protegia as famílias. Ainda hoje quando a Associação Suíço-Valesana se reúne para os eventos, sente-se a satisfação de ser uma família, quase todos primos.

O POÇO EM GARIBALDI

Meu avô Louis Gedoz trazia muitos conhecimentos do Valais, exemplificando: como fazer um poço para uso doméstico, cuidar da lavoura, regar jardim, a horta, o pomar, criação de galinhas. Essa mão de obra cheguei a ver “in loco” em Garibaldi, era criança, mas acompanhei todo o processo e técnica para fazer o poço. O Vô Louis era forte, determinado em executar tudo que fosse necessário para a família e suavizasse o trabalho da Vó Alice.

Na nossa casa em Garibaldi, em 1920 não havia água para o consumo do lar, foi preciso escavar um poço para encontrar um veio d’água no lote. O Vô conhecia a maneira empírica de encontrar água com uma forquilha. Como agricultor comum, apanhou a forquilha de madeira de um galho de árvore que não quebrasse com facilidade, as de pessegueiro eram as melhores. Usando em direção ao solo, previa se houvesse uma nascente d’água. Segurando firme a vara horizontal ia andando, se dobrava no sentido vertical, acusava água no local.

Iniciando a escavação com uma profundidade de 3m apareceu a vertente. É preciso que se diga que não é qualquer um que encontra um veio d’água, para fazer isto a pessoa tem que ter uma grande sensibilidade para manipular a varinha que funciona como condutora de energia, onde marca o ponto d’água.

O poço integrava obrigatoriamente o cenário das casas dos imigrantes, por não haver água encanada. A água era retirada com baldes presos a uma corrente com roldana, geralmente de madeira. Pela sua utilidade, foi considerado quase um templo com muito cuidado, protegido por uma tampa de madeira e coberto com telhado de “scandole” (tabuinhas de madeira).

NOITE DE NATAL – Herança suíça de meus avós

Não é retorno ao passado, mas vislumbrar como as lembranças se mantêm vivas, conforme costumes da minha época de infância (1927).

Acreditava religiosamente que o Menino Jesus trazia presentes, não muitos, mas a boneca de pano não faltava.

Meu Avô cultivava diversos pés de pinheirinhos na lavoura. Cada ano um deles era cortado para a Noite de Natal e próximo da casa havia um mato onde cresciam árvores cheinhas de um musgo pendente chamado de barba-de-pau, íamos buscar e enfeitar o presépio. Véspera do Natal o pinheirinho era colocado em uma lata em cima da mesa e embaixo se montava o presépio com o Menino Jesus, Nossa Senhora, São José, a vaquinha, o burrinho, as ovelhinhas e os Reis Magos.

Os enfeites eram gaitinhas de papel de seda que pendiam dos galhos do pinheirinho e muito algodão representando a neve dos Alpes.

Louis Gedoz faleceu em 18 de maio de 1940 e está sepultado, em Caxias do Sul, no cemitério Municipal no jazigo LOUIS GEDOZ, juntamente com Tecla ALICE falecida em 13 de julho de 1962.

O texto sobre os IMIGRANTES SUÍÇOS LOUIS GEDOZ E TECLA ALICE BRUCHEZ GEDOZ foram escritos pela sua neta SÍLVIA GEDOZ ARTICO, que com eles conviveu desde sua infância até o falecimento dos mesmos.

Caxias do Sul, março de 2016

Doroti Maria Artico Chemello